

Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Baracho.

O INFANTE D. PEDRO, DUQUE DE COIMBRA.

Nasceu a 9 de dezembro de 1392, na cidade de Lisboa, nos paços do castello, chamados da Alcaçova. Era, na ordem do nascimento, quarto filho d'el-rei D. João I de *boa memoria*, e da rainha D. Philippa de Alancastro, filha de João de Gante, duque de Alancastro (filho de Eduardo III rei de Inglaterra), e de sua primeira mulher D. Branca. Na adolescencia foi educado não só na moral religiosa e civil, como no exercicio das armas e das letras. Foi á conquista da famosa praça e cidade de Ceuta, por capitão das galés de alto bordo, tendo 23 annos de edade, excedendo os alentos e brios aos annos; armado cavalleiro da ordem militar de Christo, por el-rei seu pae, a 25 de agosto de 1415; e feito duque da cidade de Coimbra (o primeiro que teve esta dignidade em Portugal); Senhor da villa da Covilhã e dos logares de Tentugal, Pereira, Condeixa, Monte-mór o Velho, e outras terras mais, a que chamaram do Infante. (1)

Corria o anno de 1416 (e não o de 1424, como erradamente se tem escripto), quando o infante completava 24 annos, e Portugal lograva da paz, que conseguira por suas victorias. D. Pedro, cujo espirito o exaltava ás idéas da fama, por satisfazer aos desejos de perpetuar seu nome na posteridade, e além d'isso, não querendo tambem passar o tempo em ocio cortezão, determinou fazer uma viagem á Terra Santa (muito usada n'aquelles tempos), a fim de observar os logares e cortes de alguns principes, como quem sabia, que pelo trato das gentes se chegava ao auge da prudencia; que mais facilmente se aprende dos costumes e indole dos homens, do que pela leitura de grossos volumes: assim resolveu viajar. Obtida licença d'el-rei seu pae, saíu da corte de Portugal no anno já referido de 1416, acompanhado de doze criados, que sós bastavam para seu serviço. Chegado a Jerusalem, visitou os logares santos, depois esteve nas cortes do Soldão de Babylonia, e Grão Turco, Allemanha, Bohemia, Hungria, Polonia, Dinamarca, Roma, Veneza, Inglaterra, Aragão e Castella (ainda aquelle reino estava separado, que depois se uniu pelo casamento de D. Fernando V com D. Isabel). Em todas as referidas cortes foi recebido com applausos, e tratado com o respeito devido

(1) Veja-se na Torre do Tombo, na chancellaria d'el-rei D. João I, liv. IV, fol. XII verso.

ao seu alto nascimento e caracter. Nomeado cavalleiro da celebre e distincta ordem militar da *Garter*, Liga, por Henrique v de Inglaterra, em 22 de abril de 1417, e mettido de posse d'aquella dignidade no anno seguinte. Elevado á dignidade de marquez de Tarvezino, pelo imperador da Allemanha, Segismundo, por carta passada aos 22 de janeiro de 1418, (1) em recompensa de o haver ajudado com Erico vii, rei de Dinamarca, na guerra contra os turcos, em que fez mui assignalados serviços, e não menos na Italia contra os venezianos. Alcançou do papa Martinho v a bulla escripta em Roma a 16 de maio de 1428, (2) para serem os reis de Portugal ungidos na sua coroação, como os dos reinos de França e Inglaterra; e os infantes podêrem reger o reino como filhos primogenitos, e haver coroa de rei. Regressou a Portugal, em 1428, das suas dilatadas viagens, cheio de honras, e de bem adquirida reputação de valor e de prudencia, com que se fez conhecido não só na Europa, como na Asia e na Africa; e porque não havia mais partes no globo, então descobertas, por isso não chegou lá o seu nome. (3) Da cidade de Padua trouxe uma parte do casco, ainda com cabello, do cercilio do Thaumaturgo portuguez Santo Antonio de Lisboa, o qual se guardava na sua real casa de Lisboa, em cofre de prata dourado, até ao terremoto e incendio de 1755, que soffreu tambem a referida casa.

A casa do infante D. Pedro, duque de Coimbra, era servida com magnificencia. El-rei seu pae, quando lhe ordenára casa, lhe dera juntamente um formulario. Casou, em 1429, com D. Isabel de Aragão, filha de D. Jayme, 2.º conde de Urgel, na Catalunha, e da infanta D. Isabel, filha d'el-rei D. Pedro vi, o *Ceremonioso*, de Aragão, e da rainha D. Sibylla Esforcia. A instancias suas, no anno de 1432, el-rei D. Duarte i ordenou, que os filhos primogenitos dos reis de Portugal se chamassem *principes*, sendo o primeiro que teve este titulo D. Affonso, que foi v do nome, xii na serie de nossos reis, e viii do Algarve. Depois da morte d'el-rei, seu pae, em 14 de agosto de 1433, conservou com seu irmão, el-rei D. Duarte, aquella amizade e estimação devidas aos seus altos merecimentos, e este lhe fez diversas mercês no seu reinado, entre ellas a da alcaidaria mór de Coimbra, conferida em a villa de Santarem a 7 de novembro de 1473. Nomeou-o curador do principe D. Affonso seu filho, successor do reino, juntamente com o infante D. Henrique, por carta escripta em Santarem aos 6 de novembro de 1433.

Pela morte d'el-rei D. Duarte, em 9 de setembro de 1438, e deixando o reino envolto em calamidades, não sendo das menores ficar o seu successor tão menino, que só tinha seis annos de edade, as cortes, reunidas na villa de Torres Novas, resolveram, que o infante D. Pedro, duque de Coimbra, fosse encarregado do governo das cousas de guerra. Eleito pelas cortes de Lisboa, de 10 de dezembro de 1439, *Regente e Defensor do Reino*, na menoridade de D. Affonso v, contra vontade acceitou a regencia, preferindo o amor da patria e do sobrinho aos interesses do commum, e ao seu commodo particular; e na cathedral de Lisboa prestou juramento nas mãos de D. Alvaro de Abreu, bispo de Evora. Mandou edificar na praça do Rocio, junto ao palacio dos condes de Ourem, (4) um *estáo* ou *estáos* (albergaria), para o fim de que el-rei, quando viesse á cidade, tivesse onde alojar a sua corte independente das aposentadorias dos moradores de Lisboa, ás quaes estavam sujeitos n'aquellas occasiões. Por esta mercê os cidadãos lhe pediram licença para lhe erigirem uma estatua sobre o entablamento do *estáo;* mas com rosto tristonho: « *Amigos* (disse o experimentado infante), *se a minha effigie aqui estiver, ainda virão dias, que em galardão d'esta mercê, que agradeceis, e de outras muitas, que espero fazer-vos, vossos filhos a derrubarão, e com pedras lhe quebrarão os olhos.* » Assim lhes prohibiu fatidicamente similhante empreza. Mandou cingir com altos muros a nobre e notavel villa (hoje cidade) de Aveiro, (1) aonde fez edificar um convento, com a invocação de Nossa Senhora da Misericordia, para religiosos de S. Domingos, no anno de 1423, e a egreja de S. Miguel; em Tentugal a de Nossa Senhora; e na villa de Penella a de S. Miguel. Introduziu chamarem-se os reis de Portugal por *Alteza*, que até seu tempo o maior titulo que se lhes tributava era o de *Senhoria*. Ordenou que os reis de Portugal comessem em publico, servidos e assistidos dos officiaes da casa real. Obteve do papa Eugenio iv uma bulla para separar as ordens militares de S. Thiago e Avis, da de Calatrava de Hespanha, e a mandou publicar com grande applauso dos portuguezes. Instruiu a tanger a viola por pontos. Fez grande apreço das sciencias, e estimação dos professores e sujeitos letrados, conhecendo quanto importavam ao bom regimen da republica, e que as monarchias egualmente dependiam das armadas e das letras; de umas, para se adquirirem; de outras, para se conservarem. Era de uma imaginação incapaz de descanço; valoroso, o mais eminente na arte militar; versado nas letras divinas e humanas; instruido nas sciencias e artes liberaes; perito nas linguas estrangeiras, e ornado de maximas christãs. Foi dado ás musas, e teve larga correspondencia com o celebre João de Menna, de que resultou grande aperfeiçoamento e cultura da poesia, tanto em Portugal, como em Castella. Verteu em idioma patrio o livro *De Officiis* de Marco Tullio Cicero, e o de *Re militari* do philosopho Vegescio, e o Tratado *de Regimine principum*, escripto para a educação de Filippe iv, o *Formoso*, rei de França e de Navarra, em 1285, por Fr. Gil de Roma. Escreveu varias Cartas, que dirigiu a el-rei D. Duarte, seu irmão, umas na occasião em que subiu ao throno, em 1433, e outras depois; e o parecer de uma obra traduzida pelo prior de S. Jorge, escripto em Penella a 6 de janeiro de 1434; escreveu tambem a obra que intitulou: *Da virtuosa Bemfeitora*, na qual declara, que a mandará acabar pelo seu confessor, visto que os cuidados que tinha, como Defensor do Reino, lhe não permittiam terminal-a. (2) A prudencia do seu governo, o amor que lhe tinha a maior parte da nobreza, e a confiança que n'elle puzera toda a nação, fizeram que o reino lograsse de uma paz profunda, e o realçaram muito entre as nações circumvisinhas. No tempo da sua regencia, sob os auspicios do infante D. Henrique, descobriram os portuguezes, no anno de 1440, o Senegal; no de 1844, Cabo-Verde; no mesmo, a ilha de S. Miguel; no de 1445, o rio Barbacim, até ao Gambia; no mesmo, a Angra de Gonçalo de Cintra, adiante do rio do Ouro; no de 1446, a costa até ao rio Grande, e quatro das ilhas de Cabo-Verde, e outras quatro, que parece serem as de Bissangos; no mesmo, o rio de Nuno; e no de 1447, o rio de Tabite. Reunidas as cortes em 1446 para declararem a maioridade d'el-rei D. Affonso v, o infante D. Pedro, dando conta ás mesmas de sua administração, resignou o gover-

(1) Veja-se na Torre do Tombo, na Casa da Coroa, gaveta 17, maço 6, n.º 1.

(2) Veja-se na Torre do Tombo, no Livro 1.º dos Breves, fol. 52.

(3) Este infante foi aquelle de quem o vulgo conta, que andára as 7 partidas do mundo. Ha uma relação de suas viagens, mas tão adulteradas e fabulosas, que deshonraiu o infante D. Pedro, a quem quizeram louvar.

(4) No logar onde é hoje o theatro de D. Maria ii.

(1) Obra então magnifica, e os melhores que se conservam dos d'aquelle tempo.

(2) Existe uma copia d'esta obra, na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

no; mas o rei lhe pediu quizesse ainda coadjuval-o com seus conselhos; o que teve logar por mais dois annos com approvação das ditas cortes. Impetrou dispensa do papa Eugenio IV para casar sua filha D. Isabel com el-rei seu sobrinho, e com o consentimento das cortes se celebrou o consorcio no anno de 1448.

No referido anno de 1448 fez entrega total da regencia do reino de Portugal e seus dominios, e dos sêllos reaes, a el-rei D. Affonso V, seu sobrinho, o qual lhe dirigiu logo uma carta de louvor, approvação, ratificação e confirmação de todas as cousas feitas e passadas em seu nome, durante a sua regencia.

Teve os filhos seguintes: D. Pedro, que foi condestavel de Portugal, e mestre da ordem militar de S. Bento de Avis, a quem os catalães elegeram para seu rei, em odio d'el-rei D. João II de Aragão. D. João, duque de Coimbra, desposado com Carlota, filha herdeira de João, rei de Chypre, a qual morreu antes de casar. D. Jayme, cardeal do titulo de Santo Eustachio, e arcebispo de Lisboa. D. Isabel, que casou com el-rei D. Affonso V, filho d'el-rel D. Duarte I. D. Beatriz, que casou com Adolpho, senhor de Revestein, filho segundo de Adolpho, conde e 1.º duque de Cleves; e a D. Filippa, que viveu e morreu recolhida, sem estado, no real mosteiro de S. Diniz, de religiosas bernardas, sito no valle de Odivellas. [1]

Teve o genio tão pouco altivo, tão comedido e humano, que, sendo quem foi, e quanto havia que ser, nada presumiu do que era, portando-se como se o não fôra. Era de animo constante, superior a toda a desgraça, e maior que toda a fortuna, não o movendo a sua roda, nem o mudando a sua instabilidade. Suas armas foram um escudo ordinario, partido em pala; na parte direita as quinas portuguezas com dez castellos, sobre a cruz da ordem militar de cavallaria de S. Bento de Avis; e esquerda as armas do reino de Aragão: timbre uma coroa de carvalho, ou asinheira; e umas balanças, pela grande devoção que tinha ao Archanjo S. Miguel. A sua empreza, ou divisa, era uns ramos de asinheira com suas bolotas, e a letra franceza: *Desir*. Depois de governar o reino, e ser Defensor d'elle pelo espaço de nove annos com completa satisfação dos seus povos, e vendo que seus emulos tratavam com el-rei, para o tirarem da grandeza e privança devida a tio e sogro, quiz fazer voluntariamente o que receiava se viesse a praticar por necessidade, tomando a resolução de retirar-se para a cidade de Coimbra (obtida a licença de D. Affonso V) a fim de gozar o resto de seus cançados dias, que até alli todos ao bem de todo o reino tinha alegre dedicado; e distante de inquietos ardis de altas cortes, respirar um ar sereno, e puro. De enredos palacianos, motivados pela inveja, pela ambição, e malignas accusações (desgraçadamente tão frequentes), de seus emulos, e dos seus adversarios, se originou a confusa, e sempre lamentosa *Lide*, que teve logar no sitio da *Alfarrobeira*, proximo á villa de Alverca do Riba-Tejo, onde morreu infaustamente do tiro d'uma bésta, não debaixo das sombras da noite, mas ao clarão da luz do dia, a 20 de maio de 1449, com 56 annos, 6 mezes, e 20 dias. N'elle perdeu Portugal um heroe, o rei um vassallo, talvez o mais sincero: viveu sem crime, sendo sempre fiel ao rei, e á patria. E assim lhe pagaram suas raras virtudes, notaveis qualidades, e os cuidados que teve como tio, tutor e sogro d'el-rei D. Affonso V ! ! !

Chegou a tanto o odio dos mesmos, que lhe eram obrigados, que aconselharam a el-rei o privasse do jazigo, que seu pae lhe mandára lavrar no real convento de Nossa Senhora da Victoria, no logar da Batalha, ficando por tres dias o seu cadaver insepulto. Depois alguns camponezes o levaram, a furto, a soterrar na egreja de S. Pedro da Villa de Alverca, n'uma sepultura muito ordinaria, e sem pompa alguma. Este caso foi estranhado pelo papa Nicoláo V; e o duque de Borgonha, sobrinho do infante D. Pedro, mandou pedir o cadaver d'este, e a el-rei que désse licença aos filhos do ex-regente para se retirarem a seus estados; pelo qual motivo ordenou D. Affonso V, que os despojos mortaes de D. Pedro fossem em deposito para a capella do castello da villa de Abrantes; e passado algum tempo vieram d'esta, para o convento dos religiosos Trintarios de Lisboa, depois para o de Santo Eloi da mesma cidade, até que, a rogos da rainha D. Isabel sua filha, d'ahi levados, no anno de 1455, ao real convento da Batalha, e proprio jazigo que seu pae lhe havia feito fabricar, andando depois de finado tão peregrino como já o fôra em vida. O infante D. Pedro, duque de Coimbra, ex-regente do reino, vivirá eternamente na posteridade, como padrão do mais abalisado merecimento, e como victima da mais horrivel ingratidão.

O retrato do infante, que agora apresentâmos, é copia de outro que existia no convento da Batalha: está vestido com uma cota de armas; sobre o gorgel da cota tem a balona, e uma martimenga (especie de carapuça pequena sem luas) enleiadas com ramos de azinheira na cabeça.

J. D. D'OLIVEIRA TRAVASSOS.

(1) Diogo Gonçalves Travassos foi ayo de seus filhos, e o fez regedor de suas terras, o qual morreu em 20 de março de 1451, sobrevivendo dois annos á triste catastrophe do seu illustre bemfeitor e amigo.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS.

JOSÉ MAURICIO, PROFESSOR DA CADEIRA DE MUSICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

VI.

Tenho inutilmente procurado combinar as datas e os factos para conjecturar, se não com certeza, ao menos com probabilidade, a epocha precisa em que José Mauricio voltou para Coimbra, depois das digressões que deixo referidas. Parece que, familiarisado já com as doutrinas e pratica musicaes, confiado em seu merecimento, e instado talvez pelos rogos de parentes e amigos, se resolvêra a vir sollicitar na patria uma collocação mais vantajosa, contando para isso com a protecção e favor do bispo D. Francisco de Lemos, que supposto estivesse desde 1779 exonerado das funcções de reitor da universidade, nem por isso lhe falleciam meios para empregal-o convenientemente, se quizesse aproveitar o seu talento em beneficio publico. O successo não correspondeu por então á sua expectativa; porque o prelado o recebeu com a maior indifferença, mostrando-se-lhe pouco inclinado, e não deliberando cousa alguma a seu respeito.

Vendo assim burladas as esperanças concebidas, e desenganado de que nada obteria, José Mauricio tomou, dizem, o partido de buscar na vida do claustro um refugio contra a adversidade, e escolheu para esse fim o mosteiro dos conegos regrantes de Santo Agostinho. Dirigiu-se pois a Santa-Cruz. Como havia entre os padres alguns, que bem o conheciam, e avaliavam devidamente as suas prendas, foi acceito sem a menor difficuldade. Um homem tão bem dotado como José Mauricio, era realmente uma valiosa acquisição, para manter a fama d'aquella casa, onde a musica fôra sempre cultivada com ardor, e que dera de si por vezes habeis professores, como sabem os

que não são de todo hospedes no conhecimento da nossa historia litteraria.

Estava proximo, a completar o tempo do noviciado, quando o bispo, conhecedor do seu grande merito, e já arrependido do menos preço em que antes o tivera, obstou a que elle pronunciasse os votos solemnes, restituindo-o ao mundo, e chamando-o para mestre da capella da sua sé. Em seguida, ou pouco depois, o encarregou juntamente da regencia da aula de musica, que estabelecêra no paço episcopal; e declarou-se desde então seu amigo e protector.

Como José Mauricio na introducção ao *Methodo de Musica*, que imprimiu em 1806, diz de si que regêra aquella aula por espaço de doze annos, poderá parecer á primeira vista que estes começariam no de 1794; e assim o entendeu o illustre auctor da *Historia do Brazil*. Pela minha parte, inclino-me a crer que a sua nomeação é de mais antiga data, e fundome para isso em um livro, que poucos conhecem, e menos terão visto. Chama-se *Nova Arte de Viola* por Manuel da Paixão Ribeiro, e foi impresso em Coimbra em 1789. A pag. IV do prologo, diz o auctor que José Mauricio não só ensinava já antes d'esse anno, mas havia composto um resumo, ou compendio de musica, pelo qual dava as suas lições; do qual o dito Ribeiro, seu discipulo, confessa haver tirado a maior parte dos principios que empregou na *Arte* por elle publicada.

Na impossibilidade de particularisar mais estes pontos, por não termos á mão os documentos necessarios, contentemo-nos de saber, que José Mauricio, consagrando todos os seus momentos ao estudo e exercicio da arte, que, como elle diz, amou sempre apaixonadamente, caminhava com progresso rapido na carreira a que se dedicára. Lendo e meditando com sisuda attenção tudo o que de melhor se havia até então escripto ácerca das regras theoricas nos paizes classicos da musica, e modelando o gosto proprio pelas composições dos mais afamados mestres, não poupava diligencia e fadigas, para tornar-se um consummado professor e habilissimo instrumentista. As sciencias auxiliares, cujos subsidios só fingem desprezar os que por ignorantes as julgam desnecessarias, ou inuteis, vieram completar a sua instrucção; n'ellas o doutrinou o sabio mathematico José Monteiro da Rocha, a quem com modesta veneração se confessa agradecido pelas luzes que d'elle recebêra.

Levado por sua situação, e pelas circunstancias do logar onde vivia, e do tempo em que floreceu, talvez (quem sabe?) pela indole especial do seu talento, José Mauricio teve de restringir-se a um só genero, applicando-se como que exclusivamente ao cultivo da musica sacra. Era a unica que podia proporcionar-lhe occasiões de exercitar o seu genio, e fazer-se admirar e applaudir em publico. A cathedral e mais egrejas de Coimbra foram, pois, os theatros de sua gloria artistica; para elles produziu esses primorosos e inspirados monumentos de gosto, que ainda existem, e que são outros tantos brazões que attestam á posteridade o fecundo engenho do auctor, e a sua proficiencia no genero a que se deu. No fim d'esta noticia irá a resenha de todos os que vieram ao meu conhecimento,

E note-se desde já, que em todas essas composições, segundo affirmam os que as conhecem, e as viram executar, predomina sempre a idéa sagrada, com exclusão de qualquer outra. Revelando a cada passo profunda intelligencia dos mysterios da arte, são escriptos n'um estilo masculo e severo, que o auctor veiu comtudo a modificar até certo ponto nos seus ultimos annos. Porém esse estilo e essas modificações provam que o abalisado artista sabia distinguir perfeitamente os generos, e era incapaz de confundil-os, incorrendo na censura de que não escapou o proprio Pergobse, e que recáe justamente sobre tantos compositores modernos, que sacrificando ao capricho momentaneo e apaixonado do seu seculo as regras immutaveis da boa razão, não duvidam abstrahir de si o pensamento religioso para dar logar ao dramatico; transportando para dentro do sanctuario as cadencias e affectos só proprios da musica mundana.

VII.

Depois que o illustrado rei D. Diniz, verdadeiro pae de seus povos, ao dotar Portugal em 1290 com a gloriosa instituição de uma universidade (creada a principio em Lisboa, e transferida para Coimbra passados vinte annos), quiz que d'este corpo scientifico fizesse parte uma cadeira destinada para o ensino theorico e pratico da musica, a cujo professor estabeleceu o ordenado annual de 2:340 réis (!!!), a aula respectiva permaneceu sempre unida á universidade: partilhou a mesma sorte, e correu com ella as diversas alternativas, proprias das vicissitudes dos tempos. Envolvida na geral e progressiva decadencia dos estudos, a que o zeloso ministro de D. José I occorreu em 1772, introduzindo no edificio escholar as reformas e innovações reclamadas pelo espirito do seculo, a aula de musica parece ter ficado n'esse tempo inteiramente esquecida, pois que na serie de tantas providencias se não deparasse com alguma que lhe diga respeito. Continuou portanto a jazer no mesmo estado de abandono, e chegára por fim ao lastimoso periodo de ruina, em que o nosso José Mauricio nol-a descreve a pag. XIV e XV do seu *Methodo de Musica*.

Estava pois reservada para o bispo D. Francisco de Lemos a honrosa tarefa de restaurar o ensino da musica na univessidade, erguendo-o de tão profundo abatimento. Ao ver-se por segunda vez investido no cargo de reformador reitor, em 1799, deu-se pressa não só a reparar os estragos e abusos, que vinte annos de incuriosa ou mal dirigida gerencia tinham á disciplina e administração universitarias; mas a promover os melhoramentos que na primitiva reforma não chegaram a ser attendidos com a celeridade que então se havia mister. Entre esses melhoramentos tratou de collocar no seu devido pé a aula de musica; e para isso consultou ao governo, submettendo-lhe os projectos de regulamentos, que no entender do illustre prelado, e ouvidos os votos de sujeitos competentes (dos quaes não deixaria de ser um o proprio José Mauricio), pareceram adequados para o intento. As propostas foram sanccionadas pelo então principe regente; e dentro em pouco a carta regia de 18 de março de 1802, veiu dar nova fórma ao methodo de ensino, commettendo ao mesmo tempo a sua execução a outras mãos mais habeis que as do professor actual, o padre Manuel José Ferreira, que avezado ás antigas praticas, se não impossibilitado por edade ou molestias, se tornára incapaz de tomar a si a regencia da aula em conformidade com o novo estatuto. Foi portanto jubilado, e nomeado para o substituir o nosso José Mauricio, que consta tomára effectivamente posse da cadeira em 3 de junho do referido anno, sendo tambem por esse tempo provido no logar de mestre da capella da universidade.

Activo e incançavel no desempenho dos deveres exigidos pelo novo cargo, o digno professor justificou para logo a preferencia que obtivera sobre os mais concorrentes, e satisfez plenamente ao que d'elle podia esperar-se. O ensino rotineiro e deficiente, seguido até então na aula da universidade, com pouco ou nenhum emolumento dos alumnos, foi posto de parte, para dar logar a outro mais racional e vantajoso: e as doutrinas musicaes explicadas pela voz

de mestre tão auctorisado, adquiriam a efficacia necessaria para facilmente insinuarem-se no animo da juventude, dando de si copiosissimos fructos, nos quaes achava a mais gloriosa recompensa aquelle, que via assim aproveitadas suas fadigas, e o seu amor pelos progressos da arte.

Poderia insistir mais sobre a importancia dos serviços prestados por José Mauricio no magisterio, se elle proprio não tornasse esse trabalho inutil por desnecessario. Leia quem quizer o seu *Methodo de Musica*, impresso em 1806, e dedicado ao principe regente, depois rei D. João VI: ahi verá sufficientemente explicadas na introducção e discurso preliminar as razões que o levaram a dar á luz esta composição, e convencer-se-ha sem difficuldade da sua variada erudição, e do muito que estava familiarisado com as doutrinas theoricas da arte que professava.

Este *Methodo* continuou ainda por largos annos a servir de compendio para as lições da aula de musica, até que o benemerito professor que hoje rege a cadeira respectiva, o sr. Antonio Florencio Sarmento, entendeu devel-o substituir por outro, que compoz com o titulo de *Principios Elementares de Musica*, dados á estampa no anno de 1849. O seu fim, segundo elle diz, foi facilitar ainda mais aos seus discipulos o ensino da arte, abbreviando-o tanto quanto lhe foi possivel, e reduzindo-o apenas a doze lições, nas quaes incluiu só o estrictamente indispensavel para economia do tempo.

(Continúa).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.



O burro e o homem em repouso. — Desenho de Annunciação. — Gravura de Pedroso.

Entre o burro e o homem, ou entre o homem e o burro, ha certas similhanças, e até mesmo alguns pontos d'affinidade.

Esta proposição, á primeira vista extravagante e offensiva da sublimidade humana, foi o primeiro corollario que naturalmente distillou da analyse da estampa que temos presente.

Vejamos se somos pouco racionaes ou sagazes.

É facto não sabermos nós tudo quanto aquelles dois individuos fizeram antes do momento do desenho; mas suppomos, na ausencia d'outros indicios, que, pelo menos, andaram muito debaixo de um ardentissimo sol, se bem que o ceo não seja dos mais puros, e beberam agua.

Deprehende-se isto, vendo-os com todas as apparencias de quem descança, ao pé de uma fonte.

Até aqui cremos que não vamos mal, e que o burro e o homem experimentaram sensações, sentiram desejos, e gozam actualmente delicias corporaes perfeitamente eguaes; quer dizer, ambos se sentiram fatigados, ambos tiveram sêde, ambos descançaram; e tão certo estava cada um d'elles que andava accorde, que nem uma palavra de aviso se communicaram!

Para explicar as harmonias da natureza não são necessarios os volumes que Bernardino de Saint-Pierre escreveu; basta o exemplo que a estampa representa.

Quando o burro chegou proximo da fonte encaminhou-se para ella e parou; o homem acceitou o convite e apeou-se; o burro deitou a lingua de fóra, e principiou a atirar com agua para a goela; o homem alçou uma das pernas para sobre o parapeito do tanque, applicou os beiços á bica, e eil-o a fazer coro com o seu companheiro; depois o burro arredou-se da fonte, virou a frente á rectaguarda, impertigou-se, arribitou as orelhas e correu com a vista os horisontes convisinhos; o homem fez o mesmo;

deu um arroto, isto é, arrotou como um burro, n'este caso, como o seu burro, endireitou-se, poz as mãos nas ilhargas, e percorreu tambem com os olhos os horisontes.

Primeira parte da demonstração.

A esta reanimação de vida, dada pelo liquido refrescador, succederam os sentimentos de repouso.

Parece um parodoxo physico, mas não é.

A natureza tem isso comsigo.

Extenua-se tanto pela diminuição, como pelo augmento de forças.

N'esse caso a vida cáe de debilidade, no outro de excesso; no primeiro carece de repouso para se rehabilitar, no segundo carece de repouso para se desenvolver.

Se se póde dizer, o repouso é a vocação dos seres animados.

N'este ponto os nossos dois personagens ainda se identificam.

Foi a necessidade que a ambos obrigou a andar a extensão que os poz n'aquelle deploravel estado de prostração; e sabe Deus quantas lamentações estão, n'este momento, a revolver-se n'aquelles cerebros perante a segunda necessidade, muito mais imperiosa, porque as horas correm, de continuarem a andar!

Mas não, por ora, não.

Ainda agora principiaram a descançar, e taes são as delicias do repouso e as meditações que n'este occorrem no seio das melancholicas solidões dos campos, que nenhum se lembra agora do outro, e até se viraram reciprocamente os rabos, para melhor se esquecerem, que a vista um do outro recorda-lhes o pesado fadario do trabalho, é para não se devassarem os gestos, que são a expressão da linguagem da alma, que nas abstracções das grandes labutações intellectuaes involuntariamente se fazem.

Parece-nos que ninguem negará a verdade d'isto, e o accordo ou coincidencia espontanea das sensações e movimentos de ambos.

Argumentâmos por analogia, verdade é, mas cremos que por uma analogia manifestação completa de uma grande, geral, completa assimilação.

Vamos a meio da segunda parte da demonstração.

Olhemos para elles.

Quem terá os olhos tão falsos e a bossa da analyse e da interpretação tão pequena, que se atreva a pôr em duvida a identidade de circumstancias physicas e espirituaes d'aquelles dois individuos, quem deixará de dizer logo ao primeiro relance d'olhos:

«Um e outro meditam?»

Meditam, sim, senhores: *no que* ao certo é que se não póde definir, mas podêmos suppor; e para a supposição acertar em algum ponto, toquemos os mais provaveis a que naturalmente se entregam n'este momento.

Carpem os males da sua vida;

affagam louvaveis desejos;

recordam-se d'amores passados;

suspiram por amores presentes, mas ausentes;

architectam lisonjeiras esperanças no phantasiamento de lucrativos e socegados futuros.

Qualquer d'estas cousas, ou todas alternadamente se podem passar no interior d'aquelles craneos.

De vez em quando assalta de supito a melancholica e tenebrosa idéa de que é necessario continuar a andar.

Então o homem retorce o corpo e abana a cabeça como para a affastar, e ao burro estremece-lhe o corpo.

São estes signaes de um mesmo pensamento, resultados de eguaes reacções interiores.

Entre o inflexivel dilema do repouso, que tanto lhes apraz, mas onde não podem permanecer, e o trabalho, cuja lembrança só os horrorisa, mas onde é forçoso lançarem-se, cada um concebe o mesmo plano.

O burro lembra-se de fugir com a albarda do dono, e o conductor lembra-se de fugir com o dinheiro, por exemplo, que traz para encommendas do patrão.

Mas a reflexão ennegrece logo este plano, á primeira vista, dourado, e ambos permanecem mudos e quedos, aproveitando estas curtas auroras boreaes do repouso que por mui pouco tempo, e a grandes distancias, apparecem na eterna noite do trabalho.

Dir-se-hia que o burro tinha o espirito do homem mettido no corpo, ou... ou que o homem tinha o espirito do burro mettido no corpo; tal é a notavel harmonia das suas reacções, de seus desejos, das suas vocações, e das suas reflexões!

No que elles desaccordarão profundamente é na iniciativa e resolução do proseguimento da viagem.

D'esse ponto se fará sempre o animalejo esquecido até ao momento em que o dono lhe assentar na barriga o mais despertador dos pontapés.

Mas esta circumstancia em nada attenua as nossas proposições, antes pelo contrario as leva até mais longe, e prova que o burro em muitos pontos tem mais juizo, e é mais difficil de se relaxar do que o homem.

Nascido na escravidão, comtudo, o burro não perde nunca toda a occasião de mostrar que se revolta contra ella; o homem, ao contrario, procura a escravidão, e não perde nunca toda a occasião de se rebaixar e entregar-se aos mais vis servilismos.

Se tudo o que fica dito não é o que o artista pretendeu relevar no seu desenho, perdoe-nos pelo amor que ainda assim deve continuar a ter á sua burrice; quer dizer, ao desenho.

NOGUEIRA DA SILVA.

PARALLELO ENTRE CROMWELL E NAPOLEÃO,

POR MAUCAULAY.

(Conclusão).

Apresentava o seu proprio caracter para responder a quaesquer accusações; estava defendido pelas suas victorias na guerra, pelas suas reformas na paz. Era, porém, um cioso e implacavel campeão da honra nacional. Supportou que um Quaker quasi louco o insultasse na galeria de White-Hall, e vingou-se apenas pondo-o em liberdade e assentando-o á sua mesa. Porém estava prompto a affrontar as contingencias da guerra, para vingar o sangue do mais simples cidadão inglez.

Nenhum soberano levou ao throno uma porção tão larga das melhores qualidades da classe-media, e teve tão poderosa analogia com os sentimentos e interesses do povo. Foi levado frequentemente a lançar mão de medidas arbitrarias; porém possuia um altivo, robusto, e honesto coração de inglez. Era por isso que elle se comprazia em cercar o throno de homens taes como Hale e Blake. Era por isso que elle concedia um tão largo quinhão de liberdade politica aos seus subditos, e que, quando mesmo uma perigosa opposição ao seu poder e á sua pessoa o obrigavam a governar pela espada, sempre se mostrava sollicito de deixar um germen do qual, em mais favoravel occasião, podessem nascer instituições livres. Eu acredito firmemente, que se o seu primeiro parlamento não tivesse começado os seus debates disputando-lhe o titulo, o seu governo poderia ter sido tão pacifico no interior, como foi energico e habil no exterior.

Era um soldado: elevára-se pela guerra. Se a sua ambição fosse de indole egoista e impura, ter-lhe-hia sido facil arremessar o paiz a hostilidades continen-

taes em larga escala, e deslumbrar as inquietas facções, que elle subjugára, pelo esplendor das suas victorias. Alguns dos seus inimigos tem ironicamente notado, que nos successos obtidos na sua administração nunca elle pessoalmente interveiu; como se um homem que se elevára de uma posição obscura ao imperio, unicamente pelos seus talentos militares, podesse ter alguma desprezivel razão para se subtrahir aos perigos da guerra. Esta accusação é a sua maior gloria. No successo da armada ingleza não podia ter nenhum interesse egoista. Os seus triumphos em nada contribuiam a engrandecer a sua gloria; o seu incremento em nada augmentava os meios de enfrear os seus inimigos; o seu mais eminente chefe não lhe era affeiçoado.

Teve sempre um prazer especial de animar aquelle nobre serviço que, de todos os instrumentos empregados pelo governo inglez, é o mais impotente para o mal, e o mais fecundo para o bem. A sua administração foi gloriosa, mas não se ennobreceu por uma gloria vulgar. Não fundou um d'aquelles periodos de forçada e convulsiva acção, que natural, e inevitavelmente produzem debilidade e desfallecimento. A sua energia era natural, moderada, e sã. Collocára a Inglaterra á frente do interesse protestante, e na primeira ordem das potencias christãs. Ensinou as nações a sollicitarem a sua amizade, e a temerem o seu odio. Porém não quiz desbaratar os seus recursos no baldado empenho de investil-a d'aquella supremacia que nenhuma potencia, no systema moderno da Europa, póde gozar com segurança, ou conservar por largo tempo.

Esta nobre e sabia prudencia foi recompensada. Se elle não levou os estandartes da republica em triumpho ás capitaes mais distantes, se elle não adornou Whitehall com os despojos do Louvre e do Stadhouse, se elle não dividiu a Flandres ou a Germania em principados para os seus parentes e generaes; por outro lado, não viu o seu paiz invadido pelos exercitos das nações que a sua ambição tinha ultrajado. Elle não se arrastou nos ultimos annos da vida, prisioneiro e em desterro, n'um inhospito clima, e debaixo do jugo de um carcereiro pouco generoso, dilacerado por desejos impotentes de vingança, e embevecendo-se nas visões da sua desvanecida gloria. Desceu ao tumulo no auge do poder e da victoria, e legou a seu filho uma auctoridade que qualquer homem de mediocre prudencia e firmeza poderia ter conservado.

Se não fosse a frouxidão d'aquelle insignificante Ishboshet (allude a Ricardo Cromwell) as opiniões que nós agora professâmos, supponho que poderiam ter sido o credo orthodoxo dos bons inglezes. Poderiamos estar n'este momento escrevendo debaixo do governo de sua alteza Oliveiro-o-Quinto, ou Ricardo-o-Quarto, protector, pela graça de Deus, da republica de Inglaterra, Escossia, Irlanda, e dos vastos dominios que lhe estão annexos. A imagem do grande fundador da dynastia, a cavallo, como quando elle deu a carga em Nazeby, ou a pé, como quando elle se apoderou da maça da camara dos communs, poderia adornar as nossas praças publicas, ou sobre o pedestal de Charing-Cross contemplar as nossas secretarias: e sermões em seu louvor teriam sido prégados no dia da sua acclamação, em 3 de setembro, pelos capellães da corte, «*privados da abominação da sobrepelliz.*»

Porém, apesar da sua memoria nunca ter sido favorecida por nenhum partido, apesar dos artificios que empregaram para a escurecer, apesar de se julgar um crime o tributar-lhe louvores, a verdade e o merito triumpharam a final. Os covardes que tremiam ao som do seu nome, os funccionarios que, como Downing, se ufanavam pela honra de apparelhar o seu coche, poderam insultal-o depois em manifestações de leal obediencia, e em discursos servis. Os poetas venaes poderam transferir para o rei os mesmos elogios, um pouco peiores por serem repetidos, que elles haviam dirigido ao protector. As turbas inconstantes poderam reunir-se em torno dos restos do maior principe e soldado da epocha, expostos ignominiosamente no cadafalso, para os escarnecer e ludibriar. Mas quando o canhão hollandez assombrou o tyranno effeminado no seu proprio palacio, quando as conquistas alcançadas pelos exercitos de Cromwell foram vendidas para subsidiar as dissolutas amantes de Castro Stuart, quando os inglezes foram mandados combater á sombra dos estandartes estrangeiros, contra a independencia da Europa, e os interesses da religião protestante, muitos honrados corações palpitaram em segredo lembrando-se d'aquelle que nunca tinha consentido que o seu paiz fosse deprimido senão por elle. Seria difficil a qualquer inglez contemplar esse vice-rei assalariado da França, na mais importante crise do seu destino, passeando familiarmente pelo seu harem, abrindo a bocca, e dizendo semsaborias sobre um despacho, ou cobrindo de babosas caricias seu irmão, e os seus lisonjeiros, n'um accesso de insipida ternura, sem se lembrar com veneração e saudade d'aquelle perante cujo genio o juvenil orgulho de Luiz e a veterana astucia de Mazarino se tinham abatido, aquelle que tinha humilhado a Hespanha na terra e a Hollanda no mar, e cuja voz imperiosa incutira respeito ás velas dos piratas do Libano, e conseguira moderar a crua actividade das fogueiras de Roma. Até ao nosso tempo, o seu caracter, apesar de constantemente injuriado, e poucas vezes defendido, tornou-se popular para a grande maioria dos nossos compatriotas.

LOPES DE MENDONÇA.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

III.

O AMOR.

VI.

Nada horrorisa tanto como a idéa d'um amor imposto.

Será verdade que ha paes que impõem a suas filhas o amor? Esses paes devem soffrer uma turvação mental.

Mandar o coração! Tanto valia mudar o curso do Nilo, ou dizer á terra que suspenda em seu seu giro.

Não é bastante desgraçada a mulher, condemnada, como dissemos, a esperar, e a esperar indefinidamente?...

Quando se convencerão os paes de que zomba da sua vigilancia, seja esta qual fôr, o amor ás escondidas de suas filhas?

E quando se convencerão de que, se o amante é digno, devem antes proteger o amor franco, do que dar logar ao de emboscadas?

Se a educação entre nós chegasse ao ponto em que devia chegar, os paes seriam os primeiros confidentes de suas filhas; não estaria reservada similhante honra ás criadas e ás amigas.

E reservada a taes engenhos, produz diariamente as consequencias que se deploram.

A fragil creatura, que sabe apenas vestir-se e enfeitar-se para agradar, porque outra cousa lhe não

ensinaram, crê em qualquer phrase de amor, apaixona-se do primeiro parvo que a lisonjeia, e edifica talvez a sua perpetua desventura. Quem poderá convencel-as com justiça?

Tremei, jovens inexpertas, ao ouvir uma declaração de amor; porque o que se declara com os labios, sem duvida não está seguro de haver-se declarado com os olhos; e amor que não se reflecte nos olhos, tende por infallivel que não é amor.

A mulher sisuda jámais deve deslumbrar-se com o falso brilho; o ouro tem muita vez, e em determinadas mãos, esse falso brilho.

Tudo o que póde avaliar-se carece de valor. O merito que se submette ao numero e á medida, para uma mercadoria que se arremata no melhor bazar. O commercio e o amor estão separados de morte. O amor não sabe contar, nem medir: sabe só amar.

As grandezas e os bens, dizia uma mui celebre mulher, não constituem o encanto do amor. A verdadeira ternura sabe separar do amante tudo o que não é d'elle, e pôr de lado a sua fortuna e honrarias, para o considerar só, e só com elle encher o coração.

A reputação, os triumphos, a gloria, eis-ahi o que a mulher delicada acceita do homem a quem ama. E acceita esses bens, porque são intrinsecos, inseparaveis; se se podessem comprar e vender, se estivesse na mão de qualquer possuil-os, rejeital-os-hia tambem; tel-os-hia em muito menos do que o mais rapido dos seus olhares, ou o mais tenue dos seus suspiros.

Não ha nada mais elevado, nem mais grandioso, do que o orgulho nobre de uma mulher sisuda.

Feliz mil vezes quem possuir o seu amor!

O homem que tem a dita de ser amado por uma mulher sisuda e de coração, é um ingrato se abriga desconfiança, e um malvado se chega a abrigar ciumes.

A desconfiança não é a mãe da constancia, como se diz; a desconfiança é a filha do egoismo. O egoismo e a pobreza de espirito são n'este caso vozes synonymas.

A desconfiança é um vicio contraproducente, no pensar de Seneca; por ella aprende a enganar a propria pessoa de quem se teme o engano. A desconfiança auctorisa a infidelidade.

Napoleão disse muito bem, que nos negocios humanos não é a fé que salva, mas sim a desconfiança.

Ainda que esta maxima seja certa, não póde applicar-se ao amor, porque no amor ha alguma cousa de sobrehumano.

A desconfiança é uma nuvem que apparece no ceo do espirito; os ciumes são a tempestade. Contra os estragos d'essa tempestade não ha outro pára-raios senão o talento.

«Os ciumes são a mediação entre o amor e o odio.»

É inexacto; os ciumes são a mediação entre a estupidez e a perversidade.

Cremos com o vulgo que os ciumes são um excesso de amor; porém o vulgo devia acrescentar a palavra *proprio*.

Uma escriptora de fama sustenta que os ciumes grosseiros são desconfiança do objecto amado, e os ciumes delicados desconfiança de si mesmo.

Porém é repugnante adunar as idéas de ciumes e de delicadeza; não sabemos como poderia provar essa escriptora, que a desconfiança de si mesmo póde em nenhuma occasião confundir-se com os ciumes.

Quanto é mais violenta a paixão do amor, é mais imminente o perigo dos ciumes.

Esta é a opinião da maioria; porém a maioria engana-se. Estamos de accordo com a minoria, que sustenta e prova que os ciumes só indicam um amor fraco, um orgulho nescio, um convencimento da escassez do merito proprio, e ás vezes um coração mui depravado. Não ha zelos de amor; só ha zelos de orgulho.

O ciumento, lêmos n'uma occasião, não é o amante que ama, mas o senhor que se enfastia.

Os ciumes são de ordinario o processo de quem os abriga.

Os ciumes do homem são quasi sempre infundados e infamam a mulher; os ciumes da mulher são quasi sempre justos e não infamam o homem.

Eis-aqui a verdade.

Para o vulgo, o homem ciumento é um bom cidadão que vela pela sua honra; a mulher ciumenta é uma louca que merece compaixão.

Quem auctorisa o vulgo para fallar em cousas de amor?

Os ciumes brotam ordinariamente nos homens por falta de talento, e nas mulheres por excesso de penetração.

O que receia de uma mulher virtuosa que lhe dá provas de amor, receia dos seus proprios merecimentos; faz confissão tacita da sua propria incapacidade.

Nas luctas formidaveis que se travam no fundo de cada individuo, apparece o germen dos ciumes; esse germen desenvolve-se quando vence o elemento mais tosco e material; esse germen destroe-se quando vence o elemento mais fraco e espiritual; do primeiro nasce a paixão horrivel dos ciumes; dos segundos nasce o orgulho santo do amor.

Para inspirar confiança ás mulheres, é principio constante, torna-se préviamente necessario ter confiança em si.

Em materia de amor ha pensamentos que descem do ceo, e pensamentos que se elevam da terra; o homem de intelligencia recebe os primeiros como um raio da Divindade; o homem vulgar e sceptico asphyxia-se nos segundos, que similham uma columna de fumo denso e fetido.

O ciumento não sabe respeitar nem respeitar-se, e o respeito é irmão inseparavel do verdadeiro carinho.

Como disse sisudamente o abbade Prevost, um amor puro e leal inspira mais respeito para uma pastora amada, do que toda a nobreza de sangue, e toda a classe de honras para o primeiro principe do mundo.

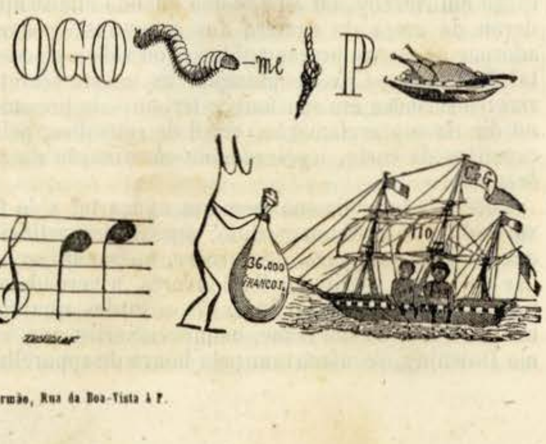
No extremo contrario da escala do respeito estão a indifferença e a frieza. As mulheres tem o necessario, e talvez providencial instincto, de não confundir jámais os gráos d'essa escala.

O respeito e a indifferença vêem com distinctos olhos.

O que as mulheres não perdoam nunca é a insipidez e a descortezia.

(Continúa). BRITO ARANHA.

ENIGMA.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F.